

**“A EDUCAÇÃO QUE TEMOS E
A EDUCAÇÃO QUE QUEREMOS**

**DA EDUCAÇÃO BÁSICA
À PESQUISA ACADÊMICA”**



DIAS 28, 29 E 30 DE SETEMBRO

XV JORNADA ACADÊMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

O QUE TEMOS A APRENDER COM OS POVOS INDÍGENAS? RESSONÂNCIAS DAS APRENDIZAGENS INTERCULTURAIS COM A EDUCAÇÃO BÁSICA

Ana Maria Melo de Pinho
PPGEdu - UNISC
Bolsa PROSUC/CAPES mod. I

Carine Josiéle Wendland
PPGEdu - UNISC
Bolsa PROSUC/CAPES mod. I

Elisete Regina Groff
PPGEdu - UNISC
Bolsa PROSUC/CAPES mod. II

Eixo 1 - Linguagem, Experiência Intercultural e Educação

Esta escrita propõe compartilhar vivências que têm abrangido escolas da Educação Básica na região do Vale do Rio Pardo a partir do projeto de pesquisa “Aprendizagens Interculturais com indígenas Guarani e Kaingang na Educação Básica” em especial, em ações realizadas em uma das escolas.

O projeto está vinculado à Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq, chamada 04/2021, tendo como coordenadora da pesquisa Ana Luisa Teixeira de Menezes, sendo fruto de um processo que foi germinando, que vem crescendo e amadurecendo a partir da temática da Educação e Interculturalidade como experiência inovadora de formação do programa de Pós-Graduação em Educação da UNISC. Deste modo, tem como solo para essas realizações, o grupo de pesquisa PEABIRU: Educação Ameríndia e Interculturalidade, que constituiu-se desde 2017, como um espaço de estudos, articulação, pesquisa, interlocução e extensão universitária de mais de 20 anos.

O percurso de pesquisadores e pesquisadoras, indígenas e não-indígenas da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC e da Universidade Federal do Rio Grande

do Sul - UFRGS que caminham pelo Peabiru, acolhem os processos aqui descritos, articulando ações que buscam promover uma interlocução dialógica colaborativa e integrar territórios geoculturais entre universidades, escolas e aldeias Guarani e Kaingang, de modo a (re)pensar caminhos metodológicos inovadores de pesquisa, educação e de ação social.

Especificamente, foi na escrita do projeto, em 2021, com escolas não-indígenas que surgiu a proposta de interlocução a partir da qual se pautava a ressignificação da sala de aula e de modos de aprender e ensinar a partir de perspectivas interculturais. Neste contexto, algumas questões entre problematizações e buscas de novas possibilidades se inter cruzaram para se pensar a educação e a formação de professores.

Por um lado, considerando o compromisso em fazer valer e tentar favorecer a implementação “efetiva” da Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, já que se percebeu forte resistência inicial para isto em todo o Brasil. É que, embora exista a obrigatoriedade, na prática, a grande maioria das instituições ainda se limita a apresentar conteúdos desatualizados, fortemente arraigados à estigmas e permeada de preconceitos oriundos de uma perspectiva de mundo e de conhecimento colonizadora e eurocêntrica (SANTOS, 2019). Desse modo, observa-se que ainda faz-se necessário uma inclusão, por exemplo, da disciplina no currículo, oferecer um material didático adequado a professores e professoras em sua diversidade de conteúdos, assim como, de metodologias pedagógicas.

Sobretudo, ainda nos deparamos com um forte desinteresse e desvalorização das temáticas indígenas por parte de atores da escola e sociedade, muitas vezes sendo considerados como conhecimentos superados pela perspectiva cientificista e tecnológica do mundo ocidental. Compreende-se esta condição como uma consequência de um processo histórico de colonização, que se apoderou não somente da terra, mas que, ao impor de forma hegemônica “padrões de racionalidade”, “civilidade” (ELIAS, 1990) “educabilidade” (NARODOWSKI, 2001), como únicas versões válidas de realidade, da produção de conhecimento e dos modos de existir, oprimiu, negou, desqualificou, excluiu, e sobretudo, tornou invisibilizada a existência dessas culturas. Assim, faz-se necessário, superar essa “linha abissal”, para que se possa restabelecer direitos, inclusão, resgate e legitimação das “epistemologias do sul”, em sua ampla riqueza de saberes e práticas ancestrais, nos modos de viver, conviver e educar-se que os povos originários ameríndios têm a nos brindar (SANTOS, 2019).

Por outro lado, não se trata apenas de fazer valer a lei, mas buscar uma abertura para novos aportes para se pensar a Educação Básica em si mesma, como possibilidades para superar as diversas lacunas educacionais a partir do modelo ocidental.

Partindo da proposição de Morin, Ciurana e Motta (2003), que consideram como desafio os sete saberes necessários para a construção de uma cidadania planetária na atualidade, torna-se imprescindível repensar sobre os alicerces da educação ocidental, sobre suas diversas lacunas em relação à formação humana, refletindo sobre modos de ser, educar, aprender e conhecer Guarani (MENEZES; PINHO, 2016). Trata-se de poder refletir sobre novos caminhos para repensar questões humanas, sociais, ecológicas e vitais mais profundas; novas perspectivas educacionais condizentes com uma formação humana integral. Como também considera Lipovetsky (2007), mediante tantas contradições e abismos, entre avanços tecnológicos e materiais, mas também de sofrimentos e adoecimento mental; de profundas desigualdades socioeconômicas, de dominação sociocultural e devastação da natureza, resta ainda refletir e revisar sobre quais são os parâmetros de progresso, civilidade e ética que hegemonicamente prevaleceram no contexto ocidental, seus alcances e lacunas, mas sobretudo, indagar sobre o papel fundamental dos modos de estar em educação.

Nesse sentido, pareceu fundamental, investir numa pesquisa circular que pudesse apostar num tipo de formação de professores, pautada no diálogo e no intercâmbio entre os povos ameríndios, e por isso, na vivência e na convivência. Nesta perspectiva, o projeto de pesquisa possibilita o estudo das culturas Kaingang e Guarani, dando ênfase à cosmovisão que permeia a educação desses povos, ressaltando a relação com a mitologia, a sacralidade da natureza, a espiritualidade como fundamento da vida e dos seres vivos, o simbolismo e a ritualidade nas experiências de linguagem, como possibilidades de implicações inovadoras nos processos de escolarização na Educação Básica, favorecendo a construção de novos significados por professores e professoras no exercício da docência. É assim que, a partir de uma perspectiva de “ações afirmativas”, vem-se buscando fomentar o interesse autêntico e um conhecimento mais aprofundado com um sentido mais fidedigno, justo e digno sobre a riqueza dos saberes e práticas indígenas, como cultura milenar e ancestral.

Parte-se, então, do seguinte interrogante fundamental: *o que temos a aprender com os povos indígenas?* Objetivamos compartilhar algumas impressões e ressonâncias no modo como as experiências da formação vêm mobilizando pensamentos, modos de educação, cultura e na inovação social. A relevância desse estudo para o campo da

pesquisa educacional, está na possibilidade de ampliar as fronteiras dos modos de investigar, intervir, sentir, pensar, educar e de afirmar estratégias teórico-metodológicas interculturais.

Como proposta de método de pesquisa em ação e interação, propomos uma abordagem teórica, prática e vivencial a partir de um acercamento dos círculos de cultura, conforme principalmente aportes teóricos de Ruth Cavalcante (2008) e Paulo Freire (2011), buscando nestes, um modo compartilhado, dialógico e colaborativo de estar em pesquisa, num percurso intercultural de partilha de saberes entre indígenas e não-indígenas. A interlocução, através dos círculos de cultura, das atividades com estudantes, visitas às aldeias, dentre outras, vem tornando possível um aprofundamento mútuo nos estudos em torno dos modos educacionais possíveis que envolvem corporeidade, afetividade, linguagem simbólica e vivência nos processos de formação e aprendizagem.

Mais especificamente, pretendemos compartilhar algumas impressões e ressonâncias de processos de aprendizagens interculturais na Educação Básica, em docentes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Maurício Cardoso do Município de Herveiras, a partir de narrativas de uma professora-pesquisadora e também autora deste trabalho. Esta escola tem buscado uma aproximação a estes pensares interculturais. Recentemente, quando o grupo de docentes da escola visitou a Tekoá Yvy Poty da etnia Guarani, em Barra do Ribeiro.

Somente agora posso perceber mais claramente o que é interculturalidade, depois de vários textos [...], agora percebo mais claramente, e como diz o vice-cacique, a pesquisa tem que ser vivida, sentida no coração e na alma. Considero de suma importância, todos terem esta experiência de conversar com culturas diferentes, para aprender sobre, e principalmente, para respeitar as diferenças entre todos os povos brasileiros, aumentando nossa cultura e evitando preconceitos e discriminação (Diário de Campo, Elisete - 24/06/23).

A ressonância não está somente no corpo da pesquisadora-professora e demais pesquisadores envolvidos, mas também no corpo dos e das estudantes quando escutamos eles e elas afirmarem que *temos conhecimento de que também cada um de nós, que nasceu no Brasil, tem sangue indígena. Sendo assim, eles não deveriam sofrer preconceito, mas deveriam ser igualmente valorizados e ouvidos, pois nos ensinam a olhar as pessoas com outros olhos, com mais empatia, respeito e amor.*

A experiência do círculo de cultura na aldeia é diferente dos círculos na escola e na universidade, fez circular a palavra trazendo inúmeras questões para os indígenas, a diferença da educação sob o olhar não-indígena é um destaque, pois: *com certeza,*

depois de uma inserção em uma cultura muito diferente - e às vezes tão parecida com a nossa - faz a gente repensar alguns valores. Poderá fazer também repensar nossa educação?

PALAVRAS-CHAVE: Educação Básica; Indígenas Guarani e Kaingang; Aprendizagens Interculturais.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Ruth. **A educação biocêntrica dialogando no círculo de cultura.** Revista Pensamento Biocêntrico, nº 10. Pelotas, 2008.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador:** uma história dos costumes. V. I. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal:** ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MENEZES, Ana Luisa Teixeira; PINHO, Ana Maria Melo. **Educação Guarani:** vivência e espiritualidade uma contribuição para uma formação humana, cidadã e planetária. Fortaleza: Anais da Conferência Internacional Saberes para uma Cidadania Planetária, Fortaleza, 2016. Disponível em: https://www.uece.br/eventos/spcp/anais/trabalhos_completos/247-1746-29032016-103416.pdf. Acesso: 28 ago. 2023.

MORIN, E., CIURANA, E. R.; MOTTA, R. D. **Educar na era planetária – o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana.** São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2003.

NARODOWSKI, Mariano. **Comenius e a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo:** a afirmação das epistemologias do Sul. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.